



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPGP
COORDENAÇÃO GERAL DOS CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA CULTURAL

IVANILDO BARBOSA LIRA

**A CULTURA DA AGAVE E O TRABALHO FEMININO EM
CUITEGI-PB (1960)**

GUARABIRA - PB

- 2011 -

IVANILDO BARBOSA LIRA

**A CULTURA DA AGAVE E O TRABALHO FEMININO EM
CUITEGI-PB (1960)**

Trabalho de conclusão do curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em História Cultural da Universidade Estadual da Paraíba.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mariângela de Vasconcelos Nunes.

GUARABIRA - PB

- 2011 -

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

L768c

Lira, Ivanildo Barbosa

A cultura da agave e o trabalho feminino em
Cuitegi-PB / Ivanildo Barbosa Lira. – Guarabira:
UEPB, 2011.

56f. Il. Color.

Monografia Especialização (Trabalho de
Conclusão de Curso - TCC) – Universidade Estadual
da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Mariângela de Vasconcelos
Nunes”.

1. Mulheres 2. Trabalho 3. Cuitegi I.Título.

22.ed. CDD 331.4

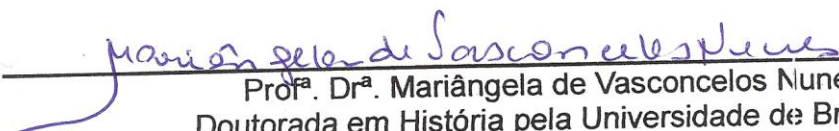
IVANILDO BARBOSA LIRA

**A CULTURA DA AGAVE E O TRABALHO FEMININO EM
CUITEGI-PB (1960)**

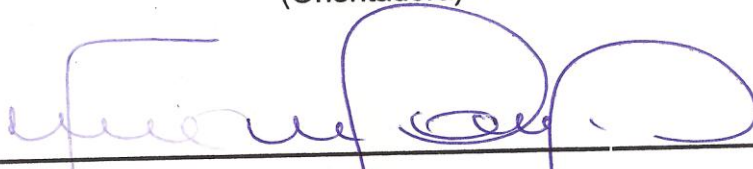
Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em História Cultural, pelo Programa de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

Aprovado em, 26 de Abril de 2011.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Dr.^a. Mariângela de Vasconcelos Nunes
Doutorada em História pela Universidade de Brasília
Depto. de Geo-História – Campus III – UEPB
(Orientadora)



Prof.^a. Dr.^a. Marisa Tayra Teruya
Doutorada em História Social pela Universidade de São Paulo
Depto. de Geo-História – Campus III - UEPB



Prof.^a. Dr.^a. Alômia Abrantes da Silva
Doutorada em História pela Universidade Federal de Pernambuco
Depto. de Geo-História – Campus III - UEPB

*Dedico este trabalho a todas aquelas
Mulheres que trabalharam na cultura
da agave no município de Cuitegi-
PB.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aqui, aqueles que mais ajudaram a concluir este trabalho.

A Deus, pela oportunidade que concluir mais um curso.

Aos meus pais, Josefa Barbosa Gomes e Valdemar Gomes Lira; pelo incentivo e apoio no decorrer da vida, em especial no processo educacional.

Aos meus cinco irmãos, José, Maria das Graças, Geneziano, Josimar e Sebastião Barbosa Lira, os quais não mediram esforços para me ajudar na realização deste trabalho.

Aos meus tios, primos e amigos pelo incentivo direto ou indireto durante o período acadêmico.

A todos os meus sobrinhos, principalmente a Lindalva Barbosa Gomes, por me auxiliar na produção deste trabalho.

A todos aqueles(as) que foram entrevistados, sem os mesmos não seria possível a produção desta pesquisa.

A Severino da Silva Guedes (Silvinho) pela paciência e disponibilidade no processo de digitação e correção deste trabalho.

A todos os amigos e colegas da Especialização em História Cultural, turma 2009/2010. Por terem me dado apoio total e irrestrito quando solicitei, sem falar nas discussões que elucidaram inúmeras dúvidas. E em especial à Izabel e Iolanda, companheiras de longa data.

Ao Especialista em História Cultural, José Cunha Lima e família pela inestimável ajuda, sem os mesmos não seria possível produzir este trabalho.

A todos os funcionários e professores da UEPB.

E em especial a Prof^a. Dr^a. Mariângela de Vasconcelos Nunes, minha orientadora a qual não mediu esforços para me ajudar na construção desta monografia.

Agradeço e dedico este trabalho a todas as mulheres que trabalharam na cultura do agave em Cuitegi-PB.

As mulheres livres de hoje podem defender-se melhor porque trabalham e ganham sua vida. O trabalho das mulheres não é uma fantasia, mas sim a possibilidade de sua autonomia.

Michelle Perrot.

A CULTURA DA AGAVE E O TRABALHO FEMININO EM CUITEGI-PB (1960)

Autor.: IVANILDO BARBOSA LIRA.

Orientadora.: Prof^a. Dr^a. Mariângela de Vasconcelos Nunes – DGH/CH/UEPB.

Banca Examinadora.: Prof^a. Dr^a. Marisa Tayra Teruya – DGH/CH/UEPB.

Prof^a. Dr^a. Alômia Abrantes da Silva – DGH/CH/UEPB.

RESUMO

A presente pesquisa visa estudar o trabalho das mulheres na cultura da agave em Cuitégi-PB na década de 1960. De início faço um breve relato sobre as mulheres na produção historiográfica, a ascensão da História das Mulheres e as mulheres no mercado de trabalho. Por muito tempo o mercado de trabalho foi um espaço predominantemente masculino, mas a partir dos anos 1960, com os movimentos que defendiam a emancipação feminina (movimento feminista) é que as mulheres conquistaram certo espaço no mercado de trabalho. Para uma melhor compreensão do trabalho, irei citar as principais características da agave e como a cultura foi introduzida e produzida no Município de Cuitégi-PB. Por último busco analisar o objeto em estudo, ou seja, as mulheres cuitégienses e sua participação na cultura agavieira. Irei identificar quem foram as mulheres pioneiras que trabalharam na agave, como era o seu cotidiano no lar e no ambiente de trabalho, também busco descrever como era as atividades realizadas pelas mulheres nos agaviais.

Palavras-Chave: Mulheres, Trabalho, Agave, Cuitégi.

SUMÁRIO

Introdução.....	09
Capítulo I – As Mulheres.....	11
1. 1 – A Mulher e a Historiografia	11
1. 2 – Mulher e Trabalho	16
Capítulo II – A Cultura da Agave	23
2. 1 - A Chegada da Agave na Paraíba	23
2. 2 - Características Gerais da Agave	25
2. 3 - A Cultura da Agave em Cuitegi.....	27
Capítulo III – As Mulheres na Cultura da Agave.....	32
3. 1 – As Mulheres Cuiteguienses	32
3. 2 – O Trabalho Feminino nos Agaviais	41
Considerações Finais	50
Referências Consultadas.....	52
Apêndice	55

INTRODUÇÃO

A emergência da História Cultural a partir dos anos de 1960, contribuiu de forma significativa para o estudo de grupos como: índios, negros, operários e mulheres que até então eram excluídos dos relatos historiográficos. Da década de 60 aos dias atuais, tem-se escrito e comentado muito sobre a história das mulheres, mas ainda é muito pouco do que se pode saber sobre este grupo. É com o intuito de enriquecer essa história que a presente pesquisa busca estudar o trabalho das mulheres, mais especificamente a participação das mulheres na cultura da agave no Município de Cuitegi-PB, durante a década de 60, optei por estudar esse período, por ter sido a época em que a cultura da agave atingiu seu auge.

Espero que esta pesquisa possa preencher um pouco da lacuna existente na historiografia local, pois não existe nenhum trabalho sobre este importante capítulo da história cuitegiense. A agave também pode ser chamada de sisal, por este motivo adoto neste trabalho as duas nomenclaturas.

Durante a primeira metade do século XX, era comum que as mulheres pertencentes às camadas populares de Cuitegi-PB, além de realizar os afazeres domésticos, irem trabalhar no roçado da família como seus irmãos e pais. No roçado elas cultivavam: milho, feijão, algodão, mandioca, batata e etc. Com a introdução da cultura agaveira, em 1950, essas mulheres veem essa nova lavoura como uma nova fonte de trabalho e renda.

Para a realização desta pesquisa foram utilizados diversos procedimentos metodológicos, foi feita uma revisão bibliográfica, que serviu de fundamentação teórica. Foram visitadas algumas bibliotecas, entre as quais cito a da UEPB, UFPB e a biblioteca municipal de Guarabira-PB. Outra fonte de grande importância foi obtida na pesquisa de campo, a mesma se desenvolveu a partir da utilização da história oral. “a história oral é uma parte do conjunto de fontes orais e sua manifestação mais conhecida é a entrevista.”¹

A partir da utilização das entrevistas, tive acesso às memórias que estavam adormecidas nas mentalidades das mulheres que trabalharam na

¹ MEIHI, José Carlos Sebe B. e HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007, p. 14.

agavicultura. A análise das mesmas foi de grande importância para a construção do referido trabalho, uma vez que há carência de outras fontes é enorme. Até pouco tempo, a memória não era aceita como fonte para produção historiográfica, nos dias atuais ela é uma das mais importantes ferramentas para construção da história.

Para melhor compreensão do trabalho, o divido em três capítulos. No primeiro, faço uma breve análise de como se desenvolveu o processo de emergência e produção da história das mulheres na historiografia, depois cito as lutas e as conquistas das mulheres no mercado de trabalho, onde cito a importância do movimento feminista para a ascensão da história das mulheres.

No segundo capítulo, abordo a chegada da agave no Estado da Paraíba, onde relato alguns dos principais fatores que proporcionaram a implantação da agavicultura em nosso Estado. Depois descrevo as principais características da agave, para o público leitor observar e conhecer a cultura. Por último, busco mostrar como se desenvolveu o processo de introdução desta cultura no Município de Cuitegi-PB.

No terceiro capítulo, analiso as mulheres cuitégienses, neste ponto, busco identificar quem foram as mulheres pioneiras que foram trabalhar na cultura da agave, e qual foi o principal fator que as levaram a trabalhar nesta cultura. Em seguida abordo como se desenvolveu o trabalho da mulher na cultura da agave.

CAPÍTULO I

Neste capítulo, aponto algumas mudanças ocorridas na historiografia do século XX e emergência das mulheres como objeto de estudo e pesquisa. Ainda discuto brevemente a participação feminina no mundo do trabalho.

1.1. As Mulheres e a Historiografia

As inovações no próprio terreno na historiografia têm dado lugar à pesquisa de inúmeros temas. O trabalho das mulheres é um desses, que por muito tempo passou despercebido tanto por historiadores, como por pesquisadores de outras áreas afins. Só a partir do século XX, começaram a se realizar estudos nesta área. A esse respeito veja o que diz a pesquisadora Soihet:

A grande reviravolta da história nas últimas décadas, debruçando-se sobre temáticas e grupos sociais até então excluídos do seu interesse, contribui para o desenvolvimento de estudos sobre as mulheres. Fundamentalmente particular é o vulto assumido pela História Cultural, preocupada com as identidades coletivas de uma ampla variedade de grupos sociais: os operários, camponeses, escravos. Pluralizaram-se os objetos de investigação histórica, e nesse bojo, as mulheres são alcançadas à condição de objeto e sujeito da história.²

Entre os historiadores, nem as pesquisas de caráter Marxista e aquelas vindas da Escola dos Annales, não se interessaram em trabalhar com a história das mulheres, só a partir da década de 1960 é que correntes marxistas ligadas ao movimento da História Social, passou a estudar os grupos pertencentes às massas populares como: operários, negros, índios e mulheres.

A história das mulheres só veio a emergir enquanto campo de pesquisa

² SOIHET, Rachel. **História Das Mulheres**: In CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org). Domínio da História: Ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997 p 276.

a partir do desenvolvimento de novas linhas de estudos como a história das mentalidades e principalmente da História Cultural. Veja o que a historiadora Rachel Soihet comenta a este respeito:

O desenvolvimento de novos campos como a história das mentalidades e a história Cultural reforça o avanço na abordagem do feminismo. Apóiam-se em outras disciplinas, tais como a literatura, a linguística, a psicanálise, e principalmente a antropologia, com o intuito de desvendar as diversas dimensões desse objeto. Assim, a interdisciplinaridade, uma prática enfatizada nos últimos tempos pelos profissionais da história, assume importância crescente nos estudos sobre as mulheres.³

Esta mesma autora nos diz: “A emergência da história das mulheres como um campo de estudo acompanhou as campanhas feministas. Não só para melhoria das condições profissionais, como envolveu a expansão dos limites da história”. Rachel Soihet enfatiza a importância das contribuições recíprocas entre a história das mulheres e o movimento feminista. A partir das palavras de pesquisadora, percebe-se que o feminismo foi outro fator que influenciou bastante a ascensão da história das mulheres.

Por muito tempo, “o ideal para uma jovem é ficar na casa dos pais sem trabalhar. Se precisar, o melhor é que trabalhe permanecendo na casa dos pais.”⁴ A partir do século XIX, as mulheres começaram a deixar seus lares e foram às ruas em busca de serviço.

O início do século XX marca definitivamente a inclusão da figura feminina no espaço público. Um dos principais espaços ocupados por elas na esfera pública foi o mercado de trabalho.

Segundo Antoine Prost, a grande evolução do século XX diz respeito ao trabalho, mais especificamente ao processo de transformação do espaço e das normas no ambiente de trabalho, a partir do século supracitado, as atividades femininas deixaram de ser exercidas no âmbito do setor privado e ingressam na esfera pública.

³ Idem, 1997. P. 276.

⁴ PROST, Antoine e VICENT, Gérard. **História da Vida Privada**. Da Primeira Guerra há Nossos Dias: Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 21, volume 5.

Foram vários os espaços ocupados pelas mulheres no espaço público, mas a fábrica foi o ambiente que mais abrigou mulheres. De início (1920-1930), as fábricas funcionavam em ambientes sem estruturas, em casas de moradias, ao longo do século passado esse espaço foi se transformando para atender as necessidades da linha de produção. A este respeito Antoine Prost afirma:

O espaço de trabalho tende a se especializar. A fábrica já não é apenas um edifício onde por acaso se produz, sim imóvel construído expressamente para uma produção determinada... reforça-se o controle da fiscalização sobre o tempo e o espaço; os relógios de pontos, a cronometragem e os sistemas de remuneração por produtividade se difundem.⁵

No estudo do cotidiano e das manifestações no plano público se destacaram os textos das historiadoras Natalie Zemon Davis, Michelle Perrot e Arlett Forge. Em seus trabalhos as pesquisadoras buscaram desmistificar a ideia de que as mulheres são seres dóceis, inferiores, submissas e tentam mostrar as atitudes de resistência apresentadas pelas mesmas na esfera pública.

Essa nova forma de ver a figura feminina rompeu com o modelo tradicional de estudar a história das mulheres, que se limitava a analisá-las apenas na esfera privada. Esse foi um passo de grande importância para os estudos sobre as mulheres.

Em sua obra, **Mulheres Públicas**, Michelle ressalta a participação das mulheres da classe trabalhadora francesa nos movimentos e motins da população pobre da França. Em outro texto (**Os Excluídos da História**), esta autora faz uma análise das mulheres francesas no final do século XIX, um dos principais pontos estudados por Perrot, foi à questão do poder das mulheres: “Embora juridicamente as mulheres ocupem uma posição em muito inferior aos homens, elas constituem na prática o sexo superior. Elas são o poder que se

⁵ PROST, Antoine e VICENTE, Gérard. **História da Vida Privada**. Da primeira guerra a nossos dias atuais: trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992 p. 36

oculta por detrás do trono e, tanto na família como nas relações de negócio.”⁶

Michelle Perrot vai além, e diz: “as mulheres não têm o poder, elas têm poderes”, os quais na maioria dos casos são exercidos de forma oculta, o que não quer dizer que ele não exista, foram muitas as decisões políticas, militares e econômicas tomadas por homens, mas que nos bastidores acabaram sofrendo influências femininas.

Outro historiador que também trabalhou com mulheres e que acompanhou a classe trabalhadora da Europa foi Eric J. Hobsbawn, em seu trabalho, **Mundos do Trabalho**, o mesmo buscou fazer uma análise do cotidiano dos trabalhadores de alguns países da Europa entre o fim do século XVIII e meados do século XX.

Segundo Rachel Soihet, os estudos sobre o trabalho feminino tanto na Europa quanto no Brasil, inicialmente ocorreram na sociologia e na antropologia. Só nas últimas décadas do século XX, é que a historiografia começou a trabalhar com essa temática.

No Brasil, a obra **Cotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX**, de Maria Odila Silva Dias, se destacou como uma das pioneiras a trabalhar com a história das mulheres. Nesse estudo ela buscou descrever como era o cotidiano das mulheres pobres da cidade de São Paulo, as funções que elas exerciam e a luta que essas mulheres enfrentavam para sobreviver em meio a uma sociedade “machista” e preconceituosa.

A jornalista Irede Cardoso, publicava com frequência matérias sobre as mulheres e o trabalho, durante o período em que ela trabalhou no jornal a Folha de São Paulo. Ela também trabalhou com essa temática em sua dissertação de mestrado. No ano de 1981, esta jornalista publicou a obra: **Os Tempos Dramáticos das Brasileiras**, nela Irede buscou fazer uma análise do processo de marginalização das mulheres brasileiras, no trabalho, na educação e na política, desde o período da escravatura até o surgimento dos primeiros movimentos feministas brasileiros.

Neste texto ela ressalta a importância de Bertha Lutz para a história

⁶ PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros**. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 168

das mulheres brasileiras, segundo Irede, Bertha foi uma das mais importantes figuras do movimento feminista do Brasil.

Irede Cardoso, estudou um período relativamente longo, seu estudo inicia-se com a análise do trabalho das mulheres escravas e estende-se até a década de 1970, com o surgimento dos movimentos sindicais. As suas análises são consideradas superficiais, mas de grande importância para compreender as condições de trabalho a que as mulheres brasileiras eram submetidas e a influência do movimento feminista na conquista de alguns direitos por parte das mulheres.

Outros historiadores como: Luciano Figueiredo, Sandra L. Grajn, Maria Izilda S. Matos, Heleith Saffioti, Alice R. Ribeiro, Margareth Rago, entre outros. Contribuíram de forma significativa para a análise e produção de temáticas ligadas ao trabalho feminino no Brasil.

Não mais apenas focalizarem-se as mulheres no exercício do trabalho, da política, no terreno da educação ou dos direitos civis, mas também intruduzem-se novos temas na análise, como a família, a maternidade, os gestos, os sentimentos, a sexualidade e o corpo, entre outros.⁷

Na Paraíba, destaca-se alguns trabalhos sobre as mulheres, entre eles o da historiadora Alômia Abrantes que analisa os discursos que aparecem na imprensa nos anos de 1920 sobre o feminismo.

Na Paraíba, as mulheres tiveram uma participação de grande significância no espaço público, a exemplo das atividades desenvolvidas na agricultura.

A pesquisa mostrou que a inclusão das mulheres no mercado de trabalho, só depois de muita luta, é que elas alcançaram a posição que ocupam hoje. Sobre isso Maria Dias (2005) comenta: “O caminho percorrido pelas mulheres em busca dos seus objetivos foi longo, difícil e cheio de obstáculos, o principal deles foi conseguir se firmar no competitivo mercado de trabalho, o

⁷ SOIHET, Rachel. História Das Mulheres: In CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org). Domínio da História: **Ensaio de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 280.

qual era dominado pelos homens”.⁸

1.2. Mulher e Trabalho

Durante gerações, o ideal consistia em que as mulheres ficassem em casa e cuidassem do lar: trabalhar fora era sinal de uma condição especialmente pobre e desprezível. Ora – e essa inversão corresponde a uma das grandes evoluções do século XX – de repente o trabalho doméstico das mulheres passa a ser denunciado como uma alienação, uma sujeição ao homem ao passo que trabalhar fora vem a ser para as mulheres o sinal concreto de sua emancipação. (Antoine Prost – História da Vida Privada, 1992. p. 21)

Por muito tempo as mulheres permaneceram restritas ao espaço privado do lar. Desde criança as meninas eram criadas e educadas para serem boas donas de casa, mães e esposas. Para ser uma boa dona de casa. Elas tinham que saber cozinhar, lavar, costurar, bordar, fazer pão e principalmente cuidar bem dos seus filhos. Essas eram as atividades que as mulheres deveriam exercer, boa parte delas era realizada na esfera privada.

Essa divisão de trabalho e de espaço prevalecia entre as mulheres pertencente à nobreza europeia, era muito comum as mulheres das camadas populares trabalharem nos mais variados tipos de serviços. Fazer faxina, lavar roupa, trabalhar de costureira, tomar conta de crianças, dar recados, fazer entregas domésticas, realizar pequenas vendas em bancos que ficavam nas calçadas ou de porta em porta, eram algumas das atividades realizadas por elas.

Levando em conta que no final do século XIX e início do XX, boa parte da elite brasileira adotou a cultura europeia como modelo a ser seguido, este padrão inspirou práticas no Brasil.

⁸ DIAS, Maria das Neves da S. **Perfil Sócio-Político da Mulher Trabalhadora Guarabireense** (1990-2005) (monografia). Guarabira-PB: Centro de Humanidades, UEPB, 2005, p. 21

O início do século XX foi marcado por profundas transformações na sociedade europeia. Mas, conforme Hobsbawn, “nenhum movimento social no século XX foi mais relevante que a emancipação da mulher”. As mulheres saíram de seus lares e foram às ruas em busca de seus direitos civis, políticos e de igualdade em relação ao homem. Esse movimento de emancipação deu origem ao movimento feminista.

O movimento feminista surgiu nos anos de 1960 nos Estados Unidos, o mesmo se expandiu rapidamente. A França e a Inglaterra foram os primeiros países europeus a sofrer influências do movimento feminista, eles criaram nas universidades, cursos e grupos de estudos que tinham como objetivo estudar a história das mulheres. A partir dos anos 70, esses estudos se estenderam a outras partes da Europa e do mundo, inclusive ao Brasil.

Um dos fatores que contribuiu para a difusão do movimento feminista no Brasil foi à ida de algumas jovens brasileiras para o exterior. No início do século XX, muitas brasileiras foram estudar no exterior, lá presenciaram e participaram do surgimento do movimento feminista, ao retornar ao Brasil, elas trouxeram na bagagem as ideias feministas.

Outro fator que também influenciou a ascensão desse movimento foi à contribuição dada pelos meios de comunicação ao movimento feminista, a este respeito veja o que a pesquisadora Jaciane Ribeiro da Silva comenta: “Com a difusão dos meios de comunicação como o cinema, a revista e o jornal, a revolução feminina vai sendo difundida.”

Durante a década de 1960, o movimento feminista se desenvolveu entre as camadas urbanas assalariadas, só depois que o movimento ganhou as ruas é que as camadas mais pobres aderiram ao feminino.

A exemplo de muitas outras pequenas cidades brasileiras, Cuitegi-PB, no início da década de 60 não sofreu muitas influências feministas. De início só as jovens mais bem abastadas as quais freqüentavam com mais assiduamente a capital do estado (João Pessoa) para: estudar, fazer compras ou passear, tiveram acesso as ideias feministas.

No Brasil, em 1918, Bertha Lutz fundou a Liga pela Emancipação Intelectual das Mulheres. Esse acontecimento foi um passo de grande

importância para a emancipação das mulheres, a partir da fundação da Liga, as mulheres brasileiras começaram a realizar seus movimentos de forma mais bem organizada, uma vez que elas passaram a se reunir e debater os pontos a serem reivindicados.

Bertha Lutz, junto há outras mulheres como: Olga de Paiva Meira, Nísia Floresta, Patrícia Galvão (a Pagu) entre outras, lutaram em defesa dos direitos das mulheres brasileiras. O direito de votar, melhores condições de trabalho, a construção de creches para deixarem seus filhos enquanto trabalhavam, melhores salários, a extensão da educação de boa qualidade às meninas, foram algumas das reivindicações defendidas por elas. A luta sufragista se intensificou ainda mais quando Leolinda Daltro fundou o partido Republicano Feminino, os membros do partido pressionaram o congresso Nacional para que o mesmo desse início aos debates sobre a causa feminista.

O direito ao voto era um dos principais objetivos desejados pelas mulheres brasileiras. Segundo algumas feministas, conquistar o direito de votar seria o primeiro passo para conquistar os demais objetivos.

“No ano de 1927, registram-se os primeiros nomes de eleitoras mulheres, que chegaram a um total de vinte, apenas quinze votaram nas eleições de abril de 1928, do Rio Grande do Norte.”⁹ O voto era, portanto, uma experiência nova para as mulheres que votavam pela primeira vez, mas os votos foram anulados.

Só em 1934, com a aprovação de uma nova constituição, criada pelo presidente Getúlio Vargas, é que as mulheres brasileiras conquistaram o direito de votar. Com essa nova constituição, parte das mulheres cuietigienses (as que sabiam ler e escrever) também exerceram seu direito de votar.

Carlota Pereira de Queiroz e Bertha Lutz foram às primeiras mulheres brasileiras a ocupar uma cadeira no poder Legislativo Federal. Vale ressaltar que:

Após conquistar o direito de votar e serem votadas, as feministas brasileiras não se acomodaram e enfrentaram a luta pela proteção ao trabalho feminino, à maternidade, à infância, e

⁹ CARDOSO, Iredé. **OS Tempos Dramáticos da Mulher Brasileira**. São Paulo. Centro Editorial Latino – Americano, 1981, p. 34.

alguns direitos civis da mulher. Até a década de 60, no país as reivindicações feministas estão voltadas contra a desigualdade no exercício dos direitos políticos trabalhistas e civis.¹⁰

Irede Cardoso, afirma que o feminismo no Brasil sempre se preocupou com o problema do trabalho das mulheres, seus salários e suas condições de vida. A partir do feminismo percebeu-se um crescimento significativo no número de mulheres no mercado de trabalho.

A partir das décadas de 1920 e 1930, as mulheres brasileiras começaram a frequentar mais o espaço público, mas para conquistar seu lugar no mercado de trabalho, as mulheres enfrentaram muitas dificuldades, como, a longa jornada de trabalho, as condições do ambiente de trabalho, o assédio sexual praticado pelo patrão, capataz ou companheiro de trabalho, os baixos salários, conciliar afazeres do trabalho assalariado.

No Brasil foram vários os setores que utilizaram em suas indústrias mulheres e crianças como operários. Uma das áreas que mais empregou mulheres em suas fábricas foi o setor têxtil. No recenseamento de 1920, foram inspecionadas 247 indústrias têxteis, as quais apresentaram os seguintes números, 41,21 % dos trabalhadores eram homens e 50,96% eram mulheres.

Outro fator que também influenciou na inclusão das mulheres no mercado de trabalho foi às mudanças sociais e econômicas provocadas pelo sistema capitalista. Para que o capitalismo alcançasse o sucesso desejado era necessária uma mão de obra barata, boa parte dessa mão de obra foi exercida por mulheres e crianças. “No interior desse processo modificou-se a proporção relativa entre homens e mulheres no mercado de trabalho, crescendo uma vez mais a presença feminina.”¹¹

Vale salientar que este processo não iniciou no Brasil, pelo contrário, o Brasil seguiu o modelo adotado por alguns países europeus. Durante a Revolução Industrial (segunda metade do século XVII) alguns países da Europa utilizaram mulheres e crianças como operários em suas indústrias.

¹⁰ DIAS, Maria das Neves da S. **Perfil Sócio-Político da Mulher Trabalhadora Guarabireense (1990-2005)** (monografia). Guarabira-PB: Centro de Humanidades, UEPB, 2005, p. 23.

¹¹ SOARES, Ângela Maria Fontes. **O Cotidiano das Mulheres Trabalhadoras de Solânea na Atualidade**. (monografia). Guarabira-PB. Centro de Humanidades /UEPB, 2002. p. 8.

Influenciada pelas mudanças provocadas pelo sistema capitalista, à sociedade brasileira também passou por algumas transformações no início do século XX. Boa parte da população brasileira teve que mudar seus hábitos para se adequar ao novo modo de vida imposto pelo sistema capitalista, com a presença do relógio, eles passaram a cumprir horários. Todo o cotidiano foi influenciado pelo novo sistema de trabalho. Todos os segmentos sociais sofreram os impactos dessas mudanças, porém os mais atingidos foram às pessoas pertencentes às camadas populares.

Democracia e participação eram ideias bastante presentes nos discursos políticos da década de 60. Mas no que se refere à família foram poucas as mudanças. O que se viu foi à continuidade de um modelo de família baseada nos valores patriarcais. A moral sexual diferenciada permaneceu forte e o trabalho das mulheres continuaram sendo visto como subsidiário ao trabalho masculino.

Segundo Carla Bassanezi, a família modelo dessa época deveria ser composta da seguinte forma: O homem deveria ter autoridade e poder sobre as mulheres e era responsável pelo sustento da esposa e dos filhos, enquanto que a mulher deveria ficar em casa cuidando dos afazeres domésticos, dos filhos e do marido. Na verdade toda essa moralidade tinha um propósito, que era favorecer as experiências sexuais masculinas e restringir a sexualidade feminina ao âmbito do casamento convencional. A família, comumente chamada de modelo pertencia às camadas mais altas da população brasileira. Uma vez que, as mulheres que integravam às camadas populares não obedeciam a esse padrão. Diante da pobreza que assolava suas famílias, as mulheres saíam de seus lares e buscavam no espaço público desempenhar atividades que lhes proporcionassem certa renda.

As mulheres pobres não tinham outra escolha a não ser procurar garantir seu sustento. Eram, pois costureiras e rendeiras, lavadeiras, fiandeiras ou roceiras – estas últimas, na enxada, ao lado de irmão, pais ou companheiro, faziam todo o trabalho considerado masculino: torar pau, carregar feixes de lenha, cavoucar, semear, limpar a roça do mato e colher.¹²

¹² FALCI ,Miridan Knox. Mulheres do Sertão Nordestino. Apud Mary Del Priore (org), Carla Bassanezi (Coord.). **A História das Mulheres no Brasil**. 9ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 250.

Quando se trata de aquisição econômica, alguns elementos do discurso moralista eram secundarizados e o que se via era a exploração do trabalho feminino e infantil. A este respeito veja o que Margareth Rago afirma:

Os homens da elite desejavam construir um mundo absolutamente dividido entre o público e o privado, mas, acima das discussões morais sobre a exploração do trabalho das mulheres, preocupavam-nos seus rendimentos econômicos. Assim, justificavam a exploração do trabalho feminino e infantil afirmando que muitas mulheres e crianças, especialmente as mais pobres, precisavam trabalhar para sobreviver e para ajudar sua família. Acreditavam que as mulheres das camadas mais carentes da população quer devido a constituição física, quer a formação moral, eram muito inferiores às “mulheres normais” e mais inclinadas aos vícios e às tentações do mundo moderno.¹³

Nas primeiras décadas do século XX, era comum as mulheres desempenharem uma jornada de trabalho extremamente longa.

“Essas costureiras trabalhavam 16 horas por dia! Nesse mesmo tempo, muitos homens trabalhadores já haviam conseguido reduzir a jornada de trabalho para 8 horas”.¹⁴ A partir da fala de Irede Cardos percebe-se o quanto as costureiras de uma indústria, têxtil da cidade de Jundiaí-SP, eram exploradas. Enquanto os homens já tinham conquistado o direito de trabalhar 8 horas por dia, as mulheres ainda trabalhavam 16 horas por dia e quase sempre recebiam menos que os homens.

Diante das várias formas de exploração a que as mulheres eram submetidas, surgem as diversas formas de protesto contra o sistema opressor. A partir dos anos de 1970 do século passado, as mulheres fundaram os sindicatos e as associações, greves, paralisação, passeatas entre outras formas de protestos.

Vale salientar que as mulheres, ao irem trabalhar “fora” de casa, elas passaram a exercer uma dupla jornada: o trabalho assalariado e as atividades domésticas. A este respeito Irede Cardoso afirma: “A mulher que saiu para

¹³ RAGO, Margareth. **Trabalho Feminino e Sexualidade**. Apud Mary Del Priore (org), Carla Bassanezi (Coord.). **A História das Mulheres no Brasil**. 9ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 593.

¹⁴ CARDOSO, Irede. **Os Tempos Dramáticos da Mulher Brasileira**. Op. Cit. p. 44.

trabalhar fora de casa ainda tem que continuar a fazer todo o trabalho doméstico, nas horas que deveriam ser de folga.”¹⁵

Esta mudança na vida das mulheres deu origem a polêmicas. De um lado as pessoas que aceitaram e incentivaram as ações feministas, de outro os valores patriarcais tentaram de várias formas impedir a migração feminina da esfera privada para a pública. Tais debates, como diz Michelle Perrot, foram frequentes na sociedade francesa, e também ocorreram no Brasil. Na Paraíba, um exemplo disso foi o caso de Anayde Beiriz, a mesma sofreu várias formas de discriminação por defender as ideias feministas na Paraíba.

15 Idem, 1981, p. 51.

CAPÍTULO II

2.1. A Chegada da Agave na Paraíba

A economia brasileira durante o século XIX vivenciou um período de transformações, apesar de conservar as características econômicas coloniais, também apresenta um novo aspecto voltado para o setor de exportação diversificada, onde cada região produzia um ou dois produtos de exportação, é este novo aspecto que predomina no início do século XX.

Em 1929, ocorreu uma das maiores crises que o mundo já presenciou, o Crack da Bolsa de valores. A mesma eclodiu nos Estados Unidos da América, mas suas consequências atingiram boa parte das economias mundiais, como afirma Magalhães Filho:

Mas do que qualquer outra anterior, a crise iniciada em 1929 espalhou-se pelo mundo, atingindo diretamente não apenas as economias industriais primário-exportadoras e os setores das economias pré-desenvolvidas voltadas para o mercado internacional.¹⁶

A partir deste contexto percebo que o Brasil também foi atingido pela hecatombe econômica. As perdas atingiram a economia brasileira de forma acentuada, uma vez que o Brasil exportava seus produtos para o mercado Europeu, e principalmente os Estados Unidos.

Por ocasião da mesma o comércio de exportação do café (principal produto de exportação brasileiro) foi drasticamente prejudicado com a desvalorização do café os grupos do Sudeste resolvem romper com o sistema de monocultura (implementado desde o período colonial), e investir em novas culturas como: algodão e a cana de açúcar, como esses eram os principais produtos de exportação da Paraíba, o Estado foi quem mais sofreu com a crise de 1929.

Com a desvalorização e a perda de mercado de seu principal produto de exportação (o açúcar), a Paraíba vê no algodão a saída para seus problemas, mas não obteve êxito, uma vez que São Paulo já havia começado a

¹⁶ MAGALHÃES FILHO, Francisco de B.B. de. **História Econômica**. 5ª Ed. São Paulo: Sugestões Literatura S/S, 1979, p. 411

cultivar essa Cultura, novamente há problemas econômicos, com o intuito de resolver esses impasses econômicos: “O governo paraibano tentou melhorar a produção de fibras de algodão”¹⁷

Devido às condições financeiras da Região Sudeste ser bem superior a da Região Nordeste, a Paraíba acabou perdendo o mercado interno para São Paulo. Pode-se perceber esta superioridade no relato do Delegado da Superintendência do Serviço do Algodão, o Agrônomo Maurício Medeiros:

São Paulo que sempre foi o nosso principal mercado, já está produzindo em grande quantidade, algodão de fibra curta superior ao nosso, dado o conjunto de qualidades que às do nosso sobrepõem, tais como comprimento e uniformidade, principalmente ¹⁸

A afirmação deixa claro que a perda do mercado para os paulistas, como também a qualidade da fibra, a qual era superior a nossa.

Por volta de 1930, período em que a Paraíba perdeu o domínio do mercado internacional para os paulistas, os produtores paraibanos de algodão conseguiram exportar parte de sua produção para a Alemanha. Mas com o início da Segunda Guerra Mundial (1939-45), o Governo Brasileiro foi obrigado a cortar relações comerciais com a Alemanha. Durante a Segunda Guerra o mundo foi dividido em dois blocos: Eixo liderado pela Alemanha e os aliados regidos pela Inglaterra, do qual o Brasil fazia parte. Em meio a um período de guerra não tinha como pertencer a um bloco e desenvolver relações comerciais com outro, logo a Inglaterra que também fazia parte do grupo dos aliados pressionou o Brasil a romper os laços comerciais com os Nazistas.

Outros fatores como as secas agravaram a crise, quando ocorriam levavam boa parte da população nordestina a viver em condições de extrema pobreza, muitos abandonaram sua terra natal. A saída do campo para os centros urbanos causava dois fenômenos de grande significância na sociedade. O primeiro: o êxodo rural, e o segundo: o inchaço populacional nas cidades, causando o processo de favelização.

¹⁷ Mariângela de V. Nunes. **Entre a Capa Verde e a Redenção**: A Cultura do Trabalho. Com o Agave nos Caris Velhos (1937-1966, Paraíba), Brasília, 2006. p. 101.

¹⁸ Eliete Queiroz de Gurjão, apud Mariângela de V. Nunes: **Entre o Capa Verde e a Redenção**: A cultura do Trabalho Com o Agave nos Caris Velhos (1937-1966, Paraíba) Brasília, 2006. p 100-101.

A partir desta compreensão podemos perceber que nos anos 30 do século XX, período em que a agave começou a ser plantada com fins comerciais, a Paraíba encontrava-se em meios a uma crise econômica, apenas esta lavoura surge como uma possível solução para os problemas econômicos do Estado.

2.2. Características Gerais da Agave

A palavra agave tem sua origem na expressão grega “*aganos*”, que quer dizer magnífica ou admirável. A agave sisalina é uma espécie do gênero agave que pertence a família das *amarelydaceas*, com vida útil de 15 anos, principal produtora mundial de fibras ásperas e resistentes, de excelente qualidade. Na Paraíba cultiva-se, sobretudo esta espécie, assim provavelmente a planta é chamada de sisal ou agave.

Esta planta apresenta folhas grandes variando de 1,20 a 2 metros de comprimento por 10 a 15 centímetros de largura, na região intermediária, rígida, lisas, superfícies côncavas, cor verde clara a verde escura, lustrosas e possuem um espinho bem resistente de 2 centímetro de comprimento nas extremidades. As folhas crescem em torno de uma estrutura chamada bulbo centro (caule), podendo chegar a produzir de 180 a 700 folhas, dependendo da espécie, num período de 8 a 15 anos, e um pendão floral de aproximadamente 6 a 9 metros de altura, onde originam grupos de flores, as quais dão origem às novas plantas (bulbilhos), por volta do terceiro mês de idade, elas caem em forma de mudas, as quais são usadas para novas plantas. As raízes são fasciculadas, não muito finas e abundantes. Exploram principalmente a parte superficial do solo até uma profundidade de cerca de 40 a 50 cm.

Foto 1: Touceira de Agave



Fonte: José Cunha Lima em 10/06/2008

As agaves são plantas que sobrevivem muito bem em regiões semiáridas, onde as condições climáticas se apresentam mais secas são consideradas mais pobres. Entretanto se adapta bem a clima e solo de melhores condições.

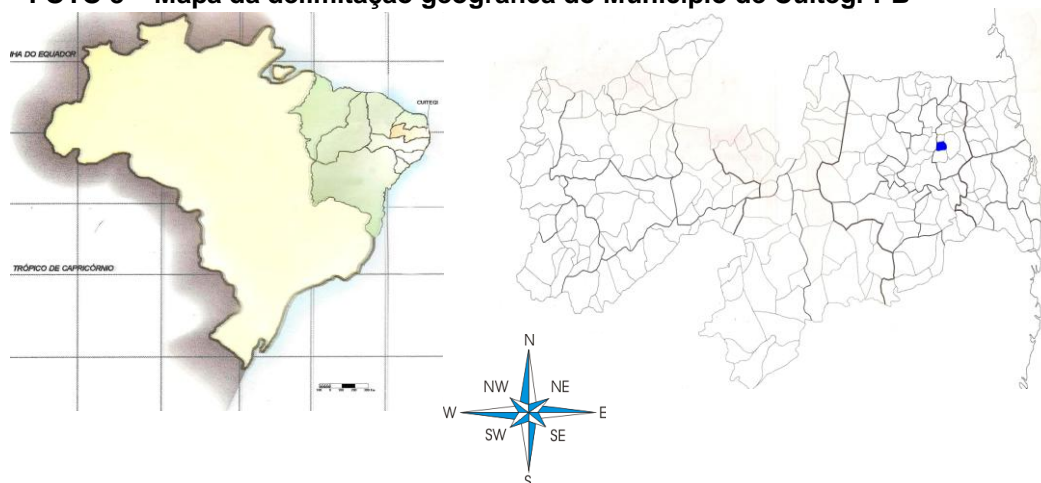
Era muito comum os antigos indígenas mexicanos, utilizarem a agave na fabricação de bebidas fermentadas. Quando chegou ao Brasil este vegetal era bastante utilizado como planta ornamental, até hoje algumas fazendas ainda plantam alguns pés de agave com fins ornamentais. Mas sua principal propriedade consiste no aproveitamento das fibras existentes em suas folhas, as mesmas são fonte de matéria prima para a confecção de diversos objetos como: cordas, cabos de navios, tapetes, barbantes, redes etc.

A cultura da agave foi implantada no Brasil com fins comerciais no início do século XX, inicialmente ela foi introduzida em algumas regiões brasileiras, mas foi na Região Nordeste que ela se desenvolveu em escala comercial. Foram muitos os municípios nordestinos que produziram a agave, Cuitegi-PB foi um deles, em 1940 boa parte do seu território foi coberto pelos partidos de agave.

2.3. A Cultura Agaveira em Cuitegi – PB

Desde sua origem, a vida econômica de Cuitegi era, sobretudo, voltada a zona rural, desde seu primórdio até os anos 80, tinha a cana de açúcar, mas especificamente seus derivados: açúcar-preto (mascavo), rapadura e aguardente, o algodão e a agave como seus principais produtos de comercialização, também cultivavam os gêneros alimentícios, os principais eram: milho, fava, feijão, mandioca, batata, abóbora e outros.

FOTO 3 – Mapa da delimitação geográfica do Município de Cuitegi-PB



Fonte: MIRANDA, José Fernando. **Os Problemas com o Lixo no Município de Cuitegi-PB.** (Monografia). Guarabira – PB CH/UEPB, 2006, p. 15.

Entre os anos de 1940 e 1950 do século XX, a agave foi implantada em Cuitegi – PB, a época distrito de Guarabira-PB, os primeiros a cultivarem esta cultura foram os grandes proprietários, seguindo os passos de outros municípios como Areia e Guarabira. Neste período um dos problemas que dificultaram a implantação do sisal nos solos em Cuitegi-PB, foi a falta de mudas, este distrito não recebeu os incentivos por parte do Governo do Estado (distribuição de mudas e apoio técnico). O desenvolvimento da agave ficou a cargo da iniciativa privada. Como a procura por mudas era grande e a oferta era pouca, alguns produtores construíram viveiros de mudas, onde plantavam os bulbilhos provenientes dos pendões, quando apresentavam uma altura de 30 a 45 cm, estavam prontos para serem transportados para os locais

definitivos.

Segundo o Sr. Manoel Leite¹⁹, os primeiros a plantar o agave em Cuitegi foram os grandes produtores. Podemos dizer que esses não foram os únicos, entretanto, outros seguimentos sociais também plantaram agave, uma parte da produção sisaleira de Cuitegi era proveniente desses seguimentos.

Até a chegada da agave, Cuitegi, a exemplo de Areia e de outros municípios, tinha boa parte de suas terras coberta com cana de açúcar, que significava a base econômica do município, a mesma era plantada pelos grandes proprietários, principalmente os donos de engenhos. Nesta época existiam cerca de 10 engenhos em Cuitegi, os quais produziam açúcar preto (mascavo), rapadura e aguardente.

Inicialmente a agave foi plantada nas terras improdutivas (nas áreas mais altas e nas terás mais fracas, consideradas inférteis), a cana era plantada nas várzeas. Com o crescimento dos agaviais, as áreas destinadas à cana foram substituídas pela agave.

A mão de obra nos agaviais foi desenvolvida pelas mesmas pessoas que trabalhavam na cana e nos roçados (moradores). Com a chegada da agave aumentaram os serviços, os moradores já não davam conta de todo serviço, foi preciso contratar mão de obra fora, muitos que moravam na zona urbana (em Cuitegi) foram trabalhar nos agaviais, esses trabalhadores recebiam mais que os moradores, observe o que diz um morador da fazenda “Espinho”, Francisco Vicente: “Eles recebiam mais. O coronel quando pagava gente de fora, pagava mais caro, porque nós vivia ocupando a terra, e os que vem de fora, não fica com nada.”²⁰

O trabalho na agave teve uma grande aceitação, tanto por parte dos

¹⁹ O Sr. Manoel Leite de Moraes é filho de um dos maiores produtores de agave de Cuitegi (Coronel Farias). Ele foi administrador da fazenda “Espinho” durante o período em que fizeram os plantios de agave, foi ele que coordenou todo o serviço de plantio. Seu Manoel também produziu sisal, o mesmo plantou agave me uma parte de terra que seus irmãos lhe deram, pode-se dizer que ele foi um médio produtor, o qual disponibilizava de um de um trator para beneficiar a terra e de um motor a diesel para desfibrar o agave. Também participou do cenário político de Cuitegi onde foi prefeito (1973-1976) e vereador durante a administração de Telma Paulino (1993-1996).

²⁰ Francisco Vicente da Silva, entrevista realizada em 02 de outubro de 2007, em Cuitegi-PB. Ele trabalhou por muitos anos na fazenda espinho, a qual pertencia ao coronel Farias nesta mesma propriedade funcionava um engenho, o mesmo fabricava: açúcar-preto (mascavo), rapadura e aguardente. Com a crise da cultura canavieira, resolveram plantar agave, foi uma das maiores áreas produtoras de sisal da região, ele trabalhou nas duas culturas.

trabalhadores de “fora” (aqueles que moravam na zona urbana), quanto dos moradores, esta aceitação se deu devido a dois motivos: Este, o trabalho era realizado principalmente no verão, período em que a oferta de trabalho quase não existia, faltava serviço até para os moradores, eles trabalhavam dois, três dias por semana na fazenda. Em alguns momentos chegando a ser dispensados para trabalhar em outras fazendas. Com introdução da agave, o período de entre safra (verão) passou a ser a época que mais se ganhava dinheiro. “Eles gostavam mais do agave, eles trabalhavam no inverno em seus roçados e quando chegava o tempo do verão eles trabalharam na agave”.²¹

As palavras acima foram do senhor Manoel Leite. O mesmo representa o discurso dos produtores, mas segundo informações repassadas por pessoas que trabalharam nos agaviais, os trabalhadores foram mesmo atraídos por salários mais promissores que outros praticados em outras atividades, sendo este outro motivo que seduziu os trabalhadores. Os trabalhadores da agave recebiam por produção.

Em relação à procura da mão de obra, os grandes produtores tiveram que contratar mais trabalhadores porque os moradores não davam conta de todo trabalho. Nesta propriedade os salários também eram pagos por produção. Inicialmente esta mudança não teve muita aceitação por parte dos trabalhadores, mas estes foram mudando devido a remuneração proporcionada pela agave.

A cultura da agave em Cuitegi desenvolveu-se principalmente de forma consorciada. Era muito comum os grandes produtores plantarem seus agaviais e depois cederem para o trabalhador (pessoas que residiram na zona urbana e que botavam roçados nas propriedades dos grandes fazendeiros) trabalharem dentro por dois anos. “muita gente plantava o agave e dava para as pessoas trabalharem dentro, muita gente trabalhava dois anos dentro daquele terreno, plantava roça, milho feijão, plantava o que ele quisesse.”²² Com esta prática, os agricultores produziam seus gêneros alimentícios sem pagar pelo uso da terra, e os produtores não gastavam nada para limpar seus agaviais.

Um outro tipo de consorcio foi a criação de gado junto a agave, o gado

²¹ Manoel Leite, entrevista realizada em 24 de abril de 2008, em Cuitegi-PB.

²² Idem..

era criado em meio aos partidos de agave.”²³ Esta prática foi bem aceita entre os produtores. Que em uma mesma área desenvolviam-se duas atividades ao mesmo tempo.

Não foram somente os grandes proprietários que cultivaram agave em Cuitegi, os pequenos proprietários (pessoas que tinham um pequeno pedaço de terra onde moravam e tiravam seu sustento) também plantaram muita agave. Os mesmos vendo os lucros adquiridos com a agave por parte dos grandes proprietários resolveram plantá-la em suas terras, eles viram no sisal uma saída econômica, uma possibilidade de melhorar de vida. Foram muitos os pequenos agricultores que aderiram a esta cultura, a região onde ela mais se desenvolveu foi o sítio “Palmeira”, quase todos os moradores desta localidade encheram suas terras com sisal, pessoas como: João Amaro, Antônio Amaro, Benedito “Manteiga”, Dedé Monteiro, Luís Monteiro, Aloizio Virginio, Manoel Gonsalo, José Gomes, Antônio Quelê e Zé “Preto”. Todas estas pessoas produziram e trabalharam com sisal, normalmente nesta classe de produtor todo trabalho era realizado por ele próprio e sua família.

O processo de desfibramento da agave destes produtores era realizado por “máquina de mão”, na maioria das plantações eram o próprio produtor que realizava este processo, normalmente um membro da família lhe ajudava. Quando este não queria realizar tal tarefa, ele dava de meia a outras pessoas que desfibravam com máquina de mão.

Os pequenos produtores também desenvolveram o plantio consorciado. Plantavam a agave junto as lavouras de subsistências (milho, feijão, fava, mandioca), essas lavouras representavam a base alimentar e a agave fonte de renda, que possibilitava a aquisição de algumas coisas que faltavam (alimento) e alguns bens de consumo como: móveis, rádio, tv, roupas novas, sapatos.

Além das máquinas manuais, existiam máquinas mais modernas e velozes, comumente usadas pelos médios e grandes proprietários.

²³ Francisco Vicente dos Santos, entrevista realizada em 24 de abril de 2008, em Cuitegi-PB.

CAPÍTULO III

3.1. As Mulheres Cuitegienses

Cuitegi-PB, em 1960, ainda não era cidade, era distrito de Guarabira-PB. Boa parte da população local nesse período morava na zona rural, uma vez que a área urbana quase não existia, eram poucas as casas e avenidas que formavam o vilarejo de Cuitegi-PB, um outro fator que também influenciou esse maior povoamento da zona rural foi à questão da terra, ou seja, por não existir nenhuma outra fonte de renda e emprego. A terra era a única fonte de renda e sobrevivência de muitas famílias cuitegienses.

Algumas famílias moravam e trabalhavam em seu próprio pedaço de terra, o qual variava de 2 a 5 hectares de terra. A grande maioria era de moradores das grandes fazendas. Nessa época, boa parte das terras que compreende hoje o Município de Cuitegi-PB, estavam nas mãos de 7 ou 8 grandes proprietários. Boa parte dos proprietários abrigavam em suas terras um bom número de moradores, eram esses moradores que faziam todo o serviço da fazenda. Como disse Manoel Leite ao referir-se à moradia dos trabalhadores da Fazenda “Espinho”. “Quase todos moravam na sede, ele tinha uma média de 60 moradores. Eu ainda alcancei um livro de ponto do ‘véi’ com 104 trabalhadores por dia naquela época”²⁴.

Quando o Sr. Manuel Leite cita 60 moradores, ele não está falando em 60 trabalhadores, e sim em 60 famílias as quais eram constituídas pelo “chefe” da casa (homem), a esposa e os filhos. Nesta pesquisa iremos trabalhar com as esposas e filhas desses moradores e dos pequenos proprietários.

Essas mulheres em sua maioria são filhas e esposas de agricultores. São pessoas que nasceram e se criaram na zona rural e que, desde cedo, começaram a trabalhar juntos aos seus irmãos e pais no roçado da família. A este respeito veja o que Maria Mendes da Silva comenta:

Trabalhei muito, trabalhava no cabo da enxada. Nasci e me

²⁴ Manoel Leite. Entrevista realizada em 24 de abril de 2008, em Cuitegi-PB.

criei trabalhando na agricultura, eu tinha oito anos de idade e quando meu pai saía de casa ele deixava a tarefa para quando chegar ta pronta, a gente tinha que dá pronta. Eu trabalhei muito, por que com 5 anos eu fiquei sem mãe, quando eu tava com 10 anos papai fez uma casa e disse: essa casa é pra você tomar conta e dá contar. Eu sofri tanto para lavar as roupas dele, eu não podia torcer que as mãos não dava.²⁵

A partir da fala dessa senhora percebe-se o quanto era difícil a infância dessas mulheres. Uma criança que aos 10 anos de idade já tinha a responsabilidade de tomar conta da casa e de seus irmãos mais jovens. Uma criança, cujo brinquedo foi à enxada e o parque de diversão o roçado. Sobre a importância do roçado JR Garcia disse:

É no roçado que a família se materializa enquanto unidade de produção. É a produção do roçado que garante a reprodução dos produtores e da unidade de produção... a casa representa a unidade consumo. Portanto, é o roçado que dá condições mesmas de existência à casa. Se as atividades do roçado geram produtos, as atividades da casa se ligam às condições de seu consumo.²⁶

A maioria destas mulheres foi trabalhar devido à necessidade econômica. “eu trabalhava porque não tinha quem me desse, meu pai era pobre não podia me dar. A comida ele colocava dentro de casa, mas uma roupa, um calçado, era a gente que tinha de comprar”.²⁷

Nessa época era comum as famílias pertencentes às camadas

²⁵ Maria Mendes da Silva, entrevista realizada em 01 de março de 2011, em Cuitegi-PB. Nasceu em 1944 no sítio “Palmeira” (Cuitegi-PB). Seus pais eram agricultores, profissão que ela também exerceu. Aos cinco anos de idade ela perdeu a mãe, aos dez tinha que tomar conta da casa, dos irmãos mais novos e trabalhar no roçado, mais seu pai para colocar comida na mesa. Quando ela estava com 16 anos de idade seu pai arranhou outra esposa, foi quando ela começou a trabalhar fora (na agave). Nos agaviais, contrariando as “regras tradicionais”, as quais determinavam que as mulheres deveriam lavar, secar e armazenar as fibras da agave. Ela trabalhou em todas as atividades do processo de produção e beneficiamento da agave, desde o plantio até o armazenamento.

²⁶ GARCIA, JR. **A Terra de Trabalho**: Trabalho Familiar de Pequeno Produtores. Apud in, CUNHA, Ari Donato da Costa. **Terra para quem nela Vive e Trabalha**: Relações de Gênero na Organização do Trabalho Familiar Camponês. Dissertação em Ciências Sociais. João Pessoa-PB, UFPB, 1983. p. 185.

²⁷ Maria Mendes da Silva, entrevista realizada em, 01 de março de 2011, em Cuitegi-PB.

populares terem muitos filhos, foram muitas as mães que deram a “luz” há 10, 15 filhos. Normalmente o “chefe” da família (esposo) trabalhava no alugado (sistema privado de trabalho agrícola), mas o salário era baixo e não dava para suprir as necessidades da casa. Com uma família numerosa e sem um bom salário, o jeito era reunir a família e buscar produzir no roçado o suficiente à sobrevivência.

As mulheres, ao irem trabalhar no roçado ou em qualquer outro serviço fora do lar, passaram a exercer uma dupla jornada. E para isso elas tinham que deixar seus filhos sozinhos em casa sob os cuidados dos irmãos mais velhos ou com as comadres e vizinhas, enquanto elas iam trabalhar. As mesmas saiam para os seus roçados às 6 horas da manhã e só voltavam as 4 ou 5 horas da tarde. Ao chegar a casa elas ainda tinham que fazer todo o trabalho doméstico, na maioria das vezes, esse trabalho era feito nas horas que deveriam ser de descanso. A este respeito observe o que o pesquisador Ari Donato diz:

O dia a dia das mulheres é marcado por uma sobrecarga de trabalho e que lazer na vida cotidiana é privilégio dos homens. O processo de ajuda mútua camponês restringe-se ao trabalho produtivo (roçado), no que se refere ao espaço doméstico, só as mulheres se encaminhavam para o seu interior para cumprir com a sua “obrigação”.²⁸

Embora concorde que exista uma sobrecarga do trabalho feminino, acredito que as mulheres tinham momento de lazer como discutirei posteriormente.

O trabalho das mulheres fora do lar, geralmente diminuía o tempo disponível que elas tinham para se dedicar aos filhos e a outras tarefas da casa. Veja como dona Estelita (trabalhadora da cultura agaveira da região de Cuitegi-PB) fazia para exercer essa dupla jornada: quando eu vinha terminar os serviços de dentro de casa era de 10, 11 horas da noite. No outro dia logo cedo tinha que ir trabalhar de novo, mas antes de ir trabalhar tinha que deixar os

²⁸ CUNHA, Ari Donato da Costa. **Terra para quem nela Vive e Trabalha: Relações de Gênero na Organização do Trabalho Familiar Camponês**. Dissertação em Ciências Sociais. João Pessoa-PB, UFPB, 1983, p. 182.

serviços feitos.²⁹ A partir da fala da entrevistada, percebe-se o quanto era cansativo o cotidiano dessas mulheres. Depois de exercer uma carga horária de mais de 8 horas de trabalho, ao chegar em casa elas ainda tinham que desempenhar as funções de mãe e esposa.

No início do século passado, essa dupla jornada era tema de divergências entre estudiosos do país. A elite intelectual, formada pelos políticos, juristas afirmavam que as mulheres, ao ir trabalhar fora de casa, deixava de cumprir com suas obrigações de dona de casa. Eles acreditavam e defendiam as ideias dos teóricos e economistas ingleses e franceses, os mesmos afirmavam que:

O trabalho da mulher fora de casa destruía a família, tornaria os laços familiares mais frouxos e debilitaria a raça, pois as crianças cresceriam mais soltas, sem a constante vigilância das mães. As mulheres deixariam de ser mães dedicadas e esposas carinhosas, se trabalhassem fora do lar; além do que um bom número delas deixariam de se interessar pelo casamento e pela maternidade.³⁰

Nesse mesmo período (anos 60), os médicos higienistas também desenvolveram várias ações com o intuito de impedir que as mulheres deixassem seus lares e buscassem trabalho fora. Para os médicos e os higienistas, o trabalho feminino fora do lar levaria à desagregação da família.

Na região estudada, as jovens sabiam quais eram as obrigações destinadas a elas, como: realizar os afazeres domésticos, ser boa esposa e mãe, elas aprendiam com suas próprias mães e avós. Era uma cultura que era repassada oralmente. Mas devido às péssimas condições econômicas de grande parte destas mulheres, elas se viram obrigadas a abandonar seus lares

²⁹ Estelita Pereira da Silva. Entrevista realizada em 04 de março de 2011, em Cuitegi - PB. Estelita foi uma das mulheres que trabalhou na cultura da agave em Cuitegi, mas, ela também trabalhou com a agave em outros municípios, Pilões foi um deles. Filha de agricultores e de origem humilde, ela começou a trabalhar ainda jovem, com 10 anos de idade, ela já ia para os agaviais com seus pais, lá começou a realizar algumas atividades. Na agavicultura ela lavava, secava e arrumava as fibras do sisal.

³⁰ RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e Sexualidade. Apud Mary Del Priore (org), Carla Bassanezi (Coord.). **A História das Mulheres no Brasil**. 9ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 585.

e buscar no espaço público, meios que lhes possibilitassem a sua sobrevivência e a de sua família.

O cotidiano das mulheres que trabalharam na cultura do agave na área estudada era de muito trabalho. Desde os primeiros anos de idade por volta dos 10 anos, elas trabalhavam nos mais variados tipos de serviços, como por exemplo: ajudavam a mãe nos afazeres da casa e na criação de pequenos animais como galinhas, cabras, porcos etc. Como também iam acompanhar os pais nas atividades do roçado. Em 1960, Cuitegi não tinha muitas formas de diversão, comumente as ocasiões religiosas como: ir à missa, aos terços eram consideradas lazer como também ir aos bailes de sanfona e à festa de Santos Reis. Mesmo trabalhando muito, algumas das mulheres frequentavam esses eventos. “A gente ia pra missa, a missa era no domingo de manhã, nós ia bem cedo para a missa. A gente ia tudo para Igreja, só voltava de 10 horas, depois que a missa terminava.”³¹ Dona Maria Mendes também comenta sobre as diversões da época. “Quando eu era nova a diversão daqui era: baile de sanfona, de violão e muitos terços que a gente rezavam para os santos. Eu frequentava muito esses terços, sempre gostei de rezar.”³²

Assim, a vida dessas mulheres lavradoras não se resumia apenas ao trabalho, estendia-se também ao lazer, articulado muitas vezes às cerimônias religiosas. Esta combinação (lazer e eventos religiosos) era frequente em comunidades rurais, como Cuitegi-PB.

Em 1960, Cuitegi-PB realizava uma das mais animadas festas de padroeiros da região, a festa de Santos Reis. Nos dias 5 e 6 de janeiro, boa parte da população do Brejo ia a Cuitegi-PB para assistir e prestigiar os festejos de Santos Reis de Cuitegi-PB. Lá eles se divertiam nos parques de diversão, tinha carrossel, roda gigante, onda e canoa, esses parques, junto às bandas e orquestras musicais, animavam a festa. Também tinha as barracas de comidas e bebidas típicas, local onde os participantes se deliciavam com a culinária regional. Veja o que José de Arimatéia comenta sobre esta festa: “Nós

³¹ Maria do Socorro. Entrevista realizada em 28 de fevereiro de 2011, em Cuitegi-PB. Maria do Socorro é filha de agricultores nasceu e se criou no sítio “Boqueirão”. Desde cedo (10-11 anos de idade) começou a trabalhar na agricultura com seus irmãos e seus pais, eles trabalhavam no roçado da família (de seu pai) e no alugado quando aparecia serviço no roçado de outros produtos. Por volta dos 20 anos de idade ela começou a trabalhar na cultura da agave, nesta cultura ela limpava, lavava, secava e armazenava as fibras da agave.

³² Maria Mendes da Silva. Entrevista realizada em 01 de março de 2011, em Cuitegi-PB.

trabalhava para comprar comida, roupa, comprar sapato pra ir para a festa de Reis. Taí pra que nós trabalhava, pra comer e pra ir pra festa de Reis, pensando na festa de janeiro”.³³

Todavia, nem todas as jovens participaram dessa diversão, principalmente da festa de Reis. Nos anos 60, do século passado, na região estudada, não era muito comum os pais deixarem suas filhas irem sozinhas às festas, quando elas iam era acompanhadas da mãe, tia ou outro parente. A este respeito Emilia Soares comenta:

A gente não tinha esse gosto de ir à festa, uma porque nossos pais não deixava, outra que ele não podia trajar a gente, os traje da gente era uns vestido parecidos com um camisolo, não tinha calçados, porque era tudo pobre, eu fui gozar a mocidade um pouquinho depois que eu tinha 11 anos.³⁴

assim, além das moças não terem roupas adequadas, o impedimento estava ligado à própria condição feminina. Era comum na época estudada as moças se manterem recatadas, virgens, até o casamento, a virgindade era vista como honra e pureza feminina. O controle sobre as filhas apressava o casamento. “Tão logo a menina fazia corpo de mulher, os pais começavam a preocupar-se com casamento. Casar com ‘moço de boa família e algum recurso’ era o plano.”³⁵

Durante a década de 1960, as moças eram educadas para casar e ser dona de casa, como observa a historiadora Carla Bassanezi:

³³ José de Arimatéia dos Santos, entrevista realizada em 16 de novembro de 2007 em Cuitegi – PB. Filho de produtor de sisal foi criado em meio aos agaviais, desde cedo começou a trabalhar nesta cultura, desenvolveu diversas atividades do plantio ao desfibramento, labutou tanto na máquina manual quanto na motorizada. Criou toda sua família tirando o sustento da agave, hoje é agricultor aposentado, continua trabalhando na agricultura cultivando feijão, milho, fava, mandioca e açafrão.

³⁴ Emília Soares dos Santos. Entrevista realizada em 01 de março de 2011, em Cuitegi-PB. Ela foi uma das mulheres de Cuitegi que mais trabalhou com a agave na região do brejo, ela labutou em vários municípios paraibanos produtores de agave. Ela começou a trabalhar com agave na propriedade de Antonio Paulino, localizada no Município de Pilõezinhos, neste período ela tinha 8 anos de idade, aos 13, ela casou-se com um rapaz de Cuitegi-PB, que também trabalhava com agave e vieram morar em Cuitegi. Depois de casados os dois continuaram trabalhando nessa cultura. Depois de terem morado certo tempo juntos e de ter seis filhos o casal se separou, sobrou para Emilia a função de criar e educar os filhos, foi trabalhando na agave que ela conseguiu criar seus filhos.

³⁵ PRIORE, Mary Del. **História do Amor no Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 143.

Desde criança a menina deveria ser educada para ser boa mãe e dona de casa exemplar. As prendas domésticas eram consideradas imprescindíveis no currículo de qualquer moça que desejasse se casar. E o casamento, porta de entrada para a realização feminina era tido como “o objetivo” de toda as jovens solteiras³⁶

Nesse período, as moças já tinham uma certa “autonomia” para escolher seus namorados, já não era tão comum os casamentos arranjados, em que os pais são quem escolhiam o futuro esposo de suas filhas. Mas o pretendente a namorado tinha que agradar os pais da moça. O marido ideal deveria ter: bom caráter, ser correto, respeitador e não ter intimidades sexuais com sua namorada ou noiva antes do casamento.

Na região em estudo (Cuitegi-PB), essa prática era muito comum, muitas moças se casavam ainda jovens, elas se casavam com 13 - 14 anos. Observe o caso de Emília S. dos Santos, que se casou com 13 anos de idade e aos 16 já era mãe de dois filhos. Foram muitas as jovens que tiveram a infância interrompida pelos laços matrimoniais. As que pertenciam à “burguesia” ao se casarem assumiam a responsabilidade de cuidar dos afazeres domésticos, do marido e dos filhos quando aparecessem, mas as que pertenciam às camadas pobres, além de fazer essas atividades citadas acima, ainda tinham que trabalhar fora para ajudar seus maridos nas despesas da casa. Se antes elas trabalhavam com os pais nos afazeres do roçado, depois de casadas, elas trabalhavam para ajudar seus maridos. Vale salientar que alguns maridos não permitiam que suas esposas fossem trabalhar “fora”. Segundo eles, se isso viesse a acontecer, era porque o marido não estava cumprindo com sua obrigação de dono de casa que era colocar o sustendo da família.

Nos anos de 1960 do século XX, Cuitegi produzia não só a agave, mas a cana de açúcar, o algodão, a mandioca, entre outros gêneros alimentícios; foram muitas as mulheres, que diante das dificuldades, principalmente as de

³⁶ BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. Apud Mary Del Priore (org), Carla Bassanezi (Coord.). **A História das Mulheres no Brasil**. 9ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 610.

ordem econômica, deixaram seus lares e foram trabalhar na agave. Sobre isto dona Maria Mendes diz:

Eu trabalhei muito. Com 16 anos eu ganhei o mundo para trabalhar. Trabalhei na agave, em casa de farinha, plantei fumo, feijão mulatinho, trabalhava a semana todinha no mei do mundo, ainda fazia horta para vender as verduras na feira. Nesse tempo eu sofri muito, a pessoa só comprava um chinelo se trabalhasse no alugado. Eu trabalhei muito no alugado, com o dinheiro que arrumava eu comprava minhas coisas, roupa, calçado, perfume.³⁷

Todavia, não foram todas as jovens cuitegienses que se viram obrigadas a deixar seus lares e buscar trabalho na esfera pública. Na década de 60 em Cuitegi, existia uma pequena “elite” que tinha de um certo “conforto”, “luxo”. Essas moças em sua maioria eram filhas dos grandes fazendeiros e dos comerciantes locais, elas tiveram uma infância diferente das mulheres citadas anteriormente. Seu cotidiano se restringia ao espaço privado do lar, seus afazeres se resumiam a algumas prendas domésticas como cozinhar, orientar os empregados e costurar.

Muitas delas estudaram, algumas nos colegas de Guarabira, outras em colégios da capital (João Pessoa). Outras se formaram, boa parte no magistério. Segundo Roger Chartier, foi em 1830 que o curso do magistério foi aprovado pelo governo brasileiro. Desde então o magistério tornou-se uma profissão “socialmente feminina”, foi uma das poucas áreas do mercado de trabalho que as mulheres mais abastadas “podiam” trabalhar.

O magistério era visto como uma extensão da maternidade, o destino primordial da mulher. Cada aluno ou aluna era representada como um filho ou filha espiritual e a docência como uma atividade de amor e doação a qual acorriam aquelas jovens que tivessem vocação.³⁸

A partir do momento que elas estudavam e se formavam surgiam mais

³⁷ Maria Mendes da Silva. Entrevista realizada em 01 de março de 2011, em Cuitegi-PB.

³⁸ LOURO, Guacira L. Mulheres na Sala de Aula. Apud Mary Del Priore (Org.), Carla Bassanezi (Coord.). **A História das Mulheres no Brasil**. 9ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 451.

oportunidades de emprego em profissões como as de enfermeira, professora, advogada, médica, assistente social, vendedora etc. Ao se formar elas eram vistas como uma ameaça aos homens, uma vez que elas disputavam lugares antes ocupados pelos homens no mercado de trabalho. Elas também tinham acesso às revistas e jornais da época.

Nos anos de 1960, era comum as revistas e jornais tratarem de “assuntos femininos”, esses meios de comunicação traziam em suas páginas conteúdos tanto masculino quanto feminino. Os que mais traziam reportagens ligadas ao universo feminino eram: Jornal das Moças, Vida Doméstica e o Cruzeiro, entre outros. Eles traziam em suas matérias os seguintes temas: Regras de comportamento e opiniões sobre a sexualidade, casamento, juventude, trabalho feminino e felicidade conjugal. Veja a capa de um jornal da época:

Imagem da capa do Jornal das Moças, edição de 08 de outubro de 1959.



Fonte: PRIORE, Mary Del (org). BASSANEZI, Carla (Coord. De textos). **História das Mulheres no Brasil.** 9ª Ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

A partir da capa e do título desse jornal, fica claro que o público alvo deste impresso eram as moças, as quais passavam o tempo em aprender os afazeres domésticos, bordar e a se informar e divertir-se com reportagens

desse tipo. Todavia esta literatura era consumida pelas mulheres economicamente melhor posicionadas, da área estudada.

As mulheres que trabalharam na agave, em sua maioria, não estudaram ou estudaram apenas as séries iniciais, como diz dona Emília Soares: “Estudei, mas foi coisa pouca, só estudei o ABC, só foi o que pude fazer e nada mais. De 8 anos acima eu fui trabalhar, tive que ajudar minha mãe, tive de deixar de estudar para ir trabalhar. Eu precisava, aí tive que ir trabalhar.”³⁹ Com base neste relato, entendendo que boa parte das entrevistadas não tiveram acesso às informações contidas nestas revistas, seja pela baixa escolaridade ou pela impossibilidade de adquirir das impressos.

Algumas até tentaram estudar durante o turno da noite, mas depois de um dia de trabalho pesado na agricultura ou na agave, elas eram vencidas pelo cansaço, muitas delas acabavam cochilando (dormindo) durante as aulas. Isto fez com que muitas mulheres desistissem dos estudos para realizar atividades no roçado no na agavicultura.

3.2. O Trabalho Feminino nos Agaviais

A cultura da agave proporcionou um grande crescimento na demanda de mão de obra, uma vez que quase todo o trabalho era braçal. O trabalho neste ramo era composto por várias tarefas dentre elas podemos destacar: o preparo da terra, o plantio da roça ou a limpa, o corte, o transporte, o desfibramento, a lavagem, a secagem e o armazenamento.

A mão de obra na agave era predominantemente masculina, mas algumas atividades eram exercidas por mulheres. A partir dos anos 50 do século passado, as mulheres investigadas ganham uma nova função, além de trabalhar em suas casas e nos seus roçados, como faziam habitualmente, passaram a desempenhar outras atividades relacionadas à agavicultura, nos agaviais, as mulheres realizavam as seguintes atividades: a lavagem, a secagem e o armazenamento da fibra da agave. Veja o que diz a pesquisadora

³⁹ Emília Soares dos Santos. Entrevista realizada em 01 de março de 2011, em Cuitegi-PB.

Mariângela de Vasconcelos Nunes:

Nesta função se destacaram, sobretudo, as mulheres, sendo esta única tarefa que elas poderiam exercer no motor da agave, pois lavar e secar para os proprietários, eram atividades que exigiam paciência e zelo. Por esta razão eles preferiam contratar mulheres para esta atividade... mas do que capricho, as mulheres lavadeiras de fibra precisavam de força e coragem para enfrentar o dia-a-dia nas fibras: corrosivas, cortantes e destruidoras.⁴⁰

Outro historiador que também realizou estudos nessa área foi Ramilton M. Costa, em sua obra: **O Capa Verde: Transformações Econômicas e Representações Ideológicas dos Trabalhadores do Sisal**, ele descreve a participação das mulheres no desfibramento da agave como parte fundamental neste processo, uma vez que as lavadeiras eram responsáveis pela lavagem e secagem das fibras, função essa que possibilitava uma fibra de boa qualidade.

A lavagem era basicamente uma atividade feminina, “os homens não faziam esse serviço, eles diziam que era serviço de mulher”. A fala de Dona Maria do Socorro deixa claro que durante a década de 60, em Cuitegi os valores patriarcais ainda estavam bastante presentes.

Segundo os princípios patriarcais, a divisão do trabalho apresenta a seguinte forma: o trabalho pesado era de responsabilidade masculina, enquanto que os serviços considerados leves eram realizados pelas mulheres. O trabalho na agavicultura era dividido da seguinte forma: as seis primeiras atividades (o preparo da terra, o plantio, o roço ou a limpa, o corte, o transporte e o desfibramento) eram atividades masculinas, já as três últimas (lavagem, secagem e o armazenamento) eram realizadas pelas mulheres.

Quando o plantio era feito em áreas cobertas de mato, antes de plantar era necessário fazer o preparo da terra, o qual consistia na eliminação da vegetação nativa. Para a realização dessas atividades eram utilizadas as seguintes ferramentas: machado, foice e picareta. Normalmente esses

⁴⁰ NUNES, Mariângela de V. **Entre o Capa Verde e a Redenção: A Cultura do Trabalho com o Agave nos Cariris Velhos (1937-1966 Paraíba)**. Brasília, 2006, p. 212.

instrumentos são utilizados para realizar trabalho pesado. De acordo com as divisões citadas acima, cabia aos homens realizar esta tarefa, isso nos leva a crer que só os homens realizavam o trabalho de preparar a terra para o plantio da agave. Este trabalho era um tanto perigoso os trabalhadores que realizavam esta tarefa corriam o risco de serem picados por cobras, abelhas, marimbondo, como também de sofrer ferimentos causados pelos espinhos ou tocos, e até mesmo pelos próprios instrumentos de trabalho.

Para o plantio das mudas (rebentos ou bulbilhos), o terreno deveria estar limpo, livres de plantas invasoras, as mudas deveriam ser plantadas em posição vertical, alinhadas nem muito nem pouco enterradas.

Segundo as mulheres entrevistadas, em Cuitegi-PB não era comum ver mulheres realizando essas três atividades (o preparo da terra, plantio e o roço ou a limpa).

Nos centros produtores de agave da Paraíba, quem cortava e carregava as folhas da agave eram geralmente os homens, mas no Sítio “Palmeira” (Cuitegi) era comum encontrar mulheres realizando estas atividades. O corte consiste na retirada das folhas adultas (maduras), deveriam deixar duas ou três folhas (as mais novas, as que ainda não tinham aberto) para conservar o processo produtivo da planta.

O transporte da agave era dividida em várias etapas. Primeiro carregavam as folhas dos agaviais até o local de desfibramento, este transporte ficava a cargo do “cambiteiro” (homem), cabia a estes conduzirem animais que eram carregados com as folhas. Num segundo momento, carregavam as fibras do motor até o local onde elas deveriam ser lavadas (tanques ou rio), depois de lavadas, as fibras eram transportadas para o estaleiro, após secarem eram levadas para o armazém.

Nos agaviais dos pequenos produtores, algumas mulheres desempenharam essas atividades. Maria Mendes foi uma dessas mulheres, ela participou de quase todo o processo de produção da agave. “Eu cortava, carregava, arrumava, estendia fibra, tudo isso eu fiz. Lavei também, quando algumas das mulheres que lavava faltava,”⁴¹

Segundo Maria Mendes, eram as mulheres que cortavam e carregavam

⁴¹ Maria Mendes da Silva. Entrevista realizada em 01 de março de 2011, em Cuitegi-PB.

as folhas da agave que ficavam nos lugares onde os burros não passavam. Esses agaviais localizavam-se nas serras mais altas, isso tornava o trabalho mais difícil e perigoso, a todo o momento elas estavam sujeitas a sofrer algum tipo de acidente como quedas, as quais causavam raladuras, corte e até fraturas.

O desfibramento da agave que consistia no processo de transformação das folhas em fibras, era uma atividade exclusivamente realizada por homens, na área em estudo desconhecemos o fato de mulheres terem realizado tal tarefa. Vale salientar que não era qualquer homem que realizava esta atividade, só os melhores trabalhadores (os que demonstravam rapidez e habilidade na “boca” do motor) é que podiam realizar o desfibramento da agave na máquina motorizada. Os homens que desfibravam as folhas da agave eram chamados de puxadores, eles tinham que trabalhar com bastante atenção, pois qualquer descuido podia ocasionar acidentes.

A lavagem tinha por finalidade tornar a fibra mais alva possível, quanto mais alva melhor seria a qualidade do produto. Normalmente só eram lavadas as fibras que eram desfibradas em desfibradeiras motorizadas, raramente se lavava as que proviam das “maquinas de mão”, muito comum na região estudada.

Devido à escassez de água, era comum na região nordestina, em algumas áreas produtoras não realizarem a lavagem. Em outras regiões realizaram, mas de forma deficiente, isso prejudicava a qualidade da fibra e a aceitação dela no mercado externo. Em Cuitegi-PB, toda fibra desfibrada no motor era lavada, uma vez que o município dispunha de água com abundância. “para uma lavagem eficiente se usa, onde há água abundante, de 10 a 15m de água por tonelada de fibra seca.”⁴² Assim muitas mulheres puderam se integrar na agricultura.

As mulheres que lavavam e secavam as fibras da agave, eram chamadas de lavadeiras. Boa parte delas, antes de ir trabalhar na cultura da agave, trabalhavam com seus pais na agricultura. A partir de 1950, período em que a agave foi implantada no Município de Cuitegi, é que essas mulheres

⁴² BRASIL, Branco do Nordeste do Sisal: Problemas Técnicos. Ceará: Escritório Técnico de Estudo Econômico do nordeste, 1959, p. 120 (volume 2).

começaram a trabalhar na cultura agaveira, muitas delas mesmo depois de trabalhar na agave e na agricultura. Foi possível conciliar os dois serviços, uma vez que as culturas eram cultivadas em períodos diferentes, no verão elas trabalhavam na agave e no inverno em seus roçados.

As mulheres entrevistadas disseram que preferiam trabalhar no roçado. Esses roçados pertenciam a elas ou a sua família. Segundo as mesmas, o trabalho nesta área era mais “leve”, fácil e não machucava seus corpos, já o trabalho na agave era bem mais difícil e “pesado”. Observe como as lavadeiras descreviam esse trabalho: “Eu preferia trabalhar no roçado. O trabalho no agave era muito ruim, a gente levava furada, corte, não gosto nem de lembrar. No agave a gente trabalhava porque no tempo de seca não tinha outro serviço, mas bom não era não.”⁴³

“Eu gostava mais do roçado, o trabalho no roçado era bom, era maneiro. Na agave era muito difícil, quando a gente ia lavar queimava nas mãos, queimava nos pés, coçava o corpo ‘todim’, parecia que tava com sarna, era uma luta muito grande, só trabalhava porque era o jeito”⁴⁴

Dona Emília Soares foi uma das mulheres de Cuitegi que mais trabalhou com agave. Quando não encontrava trabalho nos agaviais do município, ela saía de casa para ir trabalhar nos agaviais de outros municípios.

A mesma juntava-se a outras mulheres e a homens e partiam à procura de serviço em outros municípios. Nesses partidos de agave, os quais estavam espalhados em diferentes lugares elas enfrentaram diversas dificuldades, além do trabalho árduo com as fibras da agave, ela ainda tinha que preparar a comida de toda a turma em meio aos agaviais. Percebe-se que mesmo fora de casa (em outros municípios) algumas mulheres continuaram exercendo uma dupla jornada de trabalho.

Nesses agaviais, as mulheres não tinham privacidade, elas tomavam

⁴³ Maria Mendes da Silva. Entrevista realizada em 01 de março de 2011, em Cuitegi-PB.

⁴⁴ Maria Odete Gomes de Sousa. Entrevista realizada em 01 de março de 2011, em Cuitegi-PB. Maria Odete Criou-se em meios aos maiores partidos de agave de Cuitegi, seu pais eram moradores da Fazenda “Espinho”, essa propriedade pertencia a um dos maiores produtores de agave da Região do Brejo (Coronel Farias). Desde muito cedo ela começou a trabalhar com seus pais, tanto trabalhavam no roçado da família, quanto no roçado patrão (Coronel Farias), vale salientar que a cultura que ela mais trabalhou foi a da agave, nos agaviais ela lavava, secava e armazenava as fibras da agave.

banho nos rios, açudes e cacimbas, à noite dormiam ao relento, na barraca do motor ou debaixo das árvores, junto aos homens. Mas, segundo as mulheres entrevistadas, as relações entre homens e mulheres nos ambientes de trabalhos eram as melhores possíveis, praticamente quase não existiram casos em que os homens soltaram “liberdades” ou assediaram sexualmente as mulheres. Normalmente as pessoas que trabalhavam juntas nos agaviais eram conhecidas, vizinhas, muitas eram compadres, era muito comum encontrar pessoas da mesma família trabalhando juntas. “Trabalhava eu e meu marido, eu lá no estaleiro e ele cortava agave no partido.”⁴⁵ Isso contribuiu de forma significativa para este bom convívio.

Ao sair para trabalhar nos agaviais próximos de sua casa, essas lavadeiras tinham que deixar seus filhos sob os cuidados dos filhos mais velhos. As mulheres acordavam mais cedo, às 3 ou 4 horas da manhã para fazer alguns serviços domésticos antes de ir trabalhar na agave, às 6 ou 7 horas da manhã, elas iam para os agaviais. “As experiências de vida relatadas pelas mulheres rurais mostram que em seu cotidiano não há uma clara distinção entre os limites do lar e do trabalho, entre as atividades domésticas e as atividades agrícolas.”⁴⁶ Quando elas saíam para trabalhar em outros municípios, as dificuldades aumentavam.

Algumas lavadeiras de Cuitegi foram trabalhar em outros municípios do Brejo e até do Curimataú. Observe o que Dona Emília Santos, fazia para poder sair para trabalhar em outras cidades:

Eu deixava Maria “totinha” tomando conta da minha família quando eu ia trabalhar fora, ela veio morar comigo até minha filha mais velha começar tomar conta dos irmãos, ficava tudo aos êmbolos, eu saía, mas quando chegava encontrava tudo desmantelado, mas eu tinha que trabalhar, precisava dar a eles. Se eu fosse viver em casa com eles nun vivia, vivia se fosse de esmola. Eu lutei muito para criar meus filhos, mas graças a Deus nenhum me deu trabalho, nunca recebi queixa de nenhum deles.⁴⁷

⁴⁵ Emília Soares dos Santos, entrevista realizada em 01 de março de 2011, em Cuitegi.

⁴⁶ GIULANI, Paola Cappellin. Apud Mary Del Priore (Org), Carla Bassanezi (Coord.). **A História das Mulheres no Brasil**. 9ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 645-646

⁴⁷ Emília Soares dos Santos. Entrevista realizada em 01 de março de 2011, em Cuitegi - PB.

Quando os agaviais ficavam próximos do rio, as fibras eram lavadas em tanques que eram construídos às margens do rio ou no próprio rio. Normalmente tinha um carregador que levava as fibras do motor até o local onde elas seriam lavadas. Quando as fibras eram lavadas nos tanques, o processo ocorria da seguinte forma: “A gente enchia o tanque pela metade de água, depois pegava os molhos de fibra e jogava dentro, aí a gente entrava e esfregava com as mãos e os pés, depois a gente tirava para o burro levar para o estaleiro.”⁴⁸ Se a lavagem fosse no rio, as lavadeiras tinham que mergulhar e esfregar os molhos de fibra na água sem deixar a correnteza levá-los. Nos agaviais que ficavam distante do rio, o trabalho das lavadeiras aumentava, elas tinham que carregar água em baldes e latas dos açudes para lavar as fibras.

Essa atividade (lavar as fibras), aparentemente “maneira”, causava danos às lavadeiras. Era comum, principalmente nos primeiros dias de trabalho, a mucilagem (“poupa” que reveste as fibras) e a seiva clorofiliana, causarem coceira, ferimentos nos corpos das mulheres que lavaram as fibras, houve casos de mulheres que perderam as unhas.

Depois de lavadas, as fibras eram levadas aos estaleiros de secagem ou secadores, onde ficavam expostas ao sol por um período que variava de 8 a 24 horas.

Durante a secagem era preciso que as lavadeiras ficassem de vigia, caso fosse chover, elas tinham que recolher toda a fibra. Depois de secas as fibras sofriam um processo de cepilhamento ou batição, o qual tinha por finalidade retirar os restos de polpa presentes nas fibras e dar-lhes brilho.

Partes da sociedade, principalmente os homens, classificavam o trabalho feminino na agavicultura como serviço “leve”, mas ao analisar as falas das lavadeiras, percebo o quanto era “pesado” o trabalho dessas mulheres. Veja como era o cotidiano das lavadeiras cuitégienses:

Eu saía de 4 horas de casa, pra lá mesmo se fazia café, pra lá se botava comer no fogo, só lá pras 4 hora da tarde é que a gente parava. Trabalhava sem limite só parava uma horinha para almoçar, parava de 11 horas quando acabava de almoçar não tinha esse negócio de descansar não, voltava para o motor

⁴⁸ Idem.

de novo, trabalhava até as 4, 4 e meia da tarde, aí a gente ia para casa, isso quando era perto, quando era longe, a gente dormia debaixo dos pés de manga, em cima da ruma de agave para começar tudo de novo no outro dia.⁴⁹

A gente saía de 5 horas de casa, trabalhava o dia todinho de fome, chegava em casa de tarde para comer. Foi muito ruim, a gente comia cõo nos pés, a gente quebrava o coco de pedra pra comer, só parava de trabalhar de 4 horas da tarde, isso quando não tinha muito, a gente chegava em casa a noitinha.⁵⁰

Na região em estudo, as pessoas que trabalhavam na cultura da agave recebiam por produção, ou seja, recebiam pela quantidade de fibra produzida, vale ressaltar que o salário variava de acordo com a função. Os puxadores recebiam os melhores salários e as lavadeiras os mais baixos. Observe como era o pagamento das lavadeiras cuitegienses:

Trabalhava a semana todinha, e na sexta-feira, a gente recebia, a gente recebia pela fibra verde. O salário da lavadeira era o prior que tinha, eles diziam que era mais fácil, por isso nós recebia menos que os homens, era uma mixaria, era só para não sair nas portas pedindo. Nesse tempo era 5 tostões, 10 tostões.⁵¹

Todavia, sem o trabalho das mulheres as fibras perdiam em qualidade e preço. Mesmo desenvolvendo uma atividade de grande importância no, processo de beneficiamento da fibra, os produtores não valorizavam o trabalho feminino na cultura da agave.

Os salários adquiridos com o trabalho na agave, mesmo sendo baixos, representavam uma parcela de grande importância no orçamento familiar. Algumas lavadeiras (as solteiras) davam parte de seus rendimentos a seus pais para eles fazerem as compras (comprar os gêneros alimentícios que não eram produzidos no roçado), com a outra parte elas compravam roupas, calçados, batom, perfume etc. As casadas até compravam alguns objetos de uso

⁴⁹ Emília Soares dos Santos. Entrevista realizada em 01 de março de 2011, em Cuitegi-PB.

⁵⁰ Maria Odete Gomes de Sousa. Entrevista realizada em 01 de março de 2011, em Cuitegi-PB.

⁵¹ Emília Soares dos Santos. Entrevista realizada em 01 de março de 2011, em Cuitegi-PB.

peçoal. Mas boa parte do salário era destinada às despesas da casa. O uso desses produtos de beleza por parte das lavadeiras, nos leva a crer que mesmo diante da intensa jornada de trabalho, essas mulheres eram vaidosas e gostava de se sentir arrumadas e bonitas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da análise do trabalho feminino na cultura da agave em Cuitegi-PB, percebo que as mulheres pertencentes às camadas mais carentes, desde os primeiros anos de idade (8 - 12), trabalhavam ajudando seus pais, tanto nos afazeres domésticos, quando no roçado.

No decorrer da pesquisa, percebo que os problemas de ordem econômica foram um dos principais fatores que levaram as jovens cuitégienses a trabalhar tão cedo. Diante de tais problemas, muitas cuitégienses abandonaram seus lares e buscaram na cultura agavieira trabalho (renda) para ajudar seus pais ou maridos nas despesas da casa.

A cultura da agave teve um papel de fundamental importância para a economia nordestina, a Paraíba foi um dos estados que mais produziu agave no Nordeste, foram muitos os municípios paraibanos que desenvolveram a cultura da agave, Cuitegi foi um deles. A agave foi de suma importância para a população cuitégiense. Durante a década de 60, a agave era a principal fonte de emprego e renda dessa cidade. Foram muitas as pessoas, inclusive as mulheres, que no final de semana faziam suas compras com dinheiro adquirido na cultura da agave.

A participação das mulheres na cultura da agave em Cuitegi-PB, foi marcada por uma longa jornada de trabalho mal remunerado. Para realizar suas atividades (lavar, secar e armazenar as fibras da agave), as lavadeiras iniciavam sua jornada de trabalho às 6 - 7 horas da manhã e se estendia às 4 - 5 horas da tarde. Ao chegar em casa elas ainda tinham de fazer as atividades domésticas. Isto nos leva a afirmar que as mulheres, ao saírem para trabalhar na agavicultura, passaram a exercer uma dupla jornada de trabalho.

Os salários pagos aos trabalhadores da cultura agavieira variavam de acordo com a função realizada. As mulheres, mesmo trabalhando a mesma jornada de trabalho que os homens, recebiam bem menos que eles. Elas recebiam os menores salários pagos na agavicultura. Segundo os patrões, elas recebiam menos que os homens por que seu trabalho era mais fácil que os dos homens, eram os serviços mais "leves" do processo de produção da fibra da agave. Mas a partir das falas (das mulheres que trabalharam com a agave em

Cuitegi) citadas anteriormente, percebo que seu trabalho era tão pesado quanto os demais. Quando a agave deixou de ser cultivada (1970), muita gente (homens e mulheres) ficou sem trabalho.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

ALMEIDA, Horácio de. **Brejo de Areia, Memória de um Município.** João Pessoa-PB: Ed. Universidade Federal da Paraíba/UFPB, 1980, p. 161.

BRASIL, Banco do Nordeste do. **Sisal: Problemas Técnicos.** Ceará: Escritório Técnico do Estudo Econômico do Nordeste, 1957, p. 83. (volume I).

_____. **Sisal: Problemas Técnicos.** Ceará: Escritório Técnico do Estudo Econômico do Nordeste, 1959, p. 296. (volume II).

CARDOSO, Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org). **Domínio da História.** Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO, Irede. **Os Tempos Dramáticos da Mulher Brasileira.** São Paulo: Centro Editorial Latino-Americano, 1981.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COELHO, Cleodon. **Guarabira Através dos Tempos.** Guarabira: Tipografia Nordeste, 1955, p. 185.

COSTA, Ramilton Marinho. **O Capa Verde: Transformações Econômicas e Representações Ideológicas dos Trabalhadores do Sisal.** Dissertação em Sociologia Rural. Campina Grande: UEPB, 1998.

DIAS, Maria das Neves da S. **Perfil Sócio-Político da Mulher Trabalhadora Guarabireense. (1990-2005)** (monografia) Guarabira-PB: Centro de Humanidades, UEPB, 2005.

HOBSBAWN, Eric J. **Mundo do Trabalho: Novos estudos Sobre História Operária.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. Tradução Jefferson Luis Camargo. 2ª Ed. São Paulo: Martino Fontes, 2001.

LEAL, José e MORORÓ, Rafael. **A Civilização Dourada**. Guanabara-RJ: Ptegi, 1968.

MEDINA, Julio César. **Plantas Fibrosas da Flora Mundial**. Campinas-SP: Instituto Agronômico, 1959.

MEIHY, José Carlos Sebe B. E HOLANDA, Fabíola. **História Oral: Como Fazer, Como Pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

NUNES, Mariângela de Vasconcelos. **Maldição e Bênção: Algumas Histórias do Sisal na Paraíba (1930-1953)** Dissertação em História. Brasília: UNB, 1996.

_____ **Entre o Capa Verde e a Redenção: A Cultura do Trabalho com o Agave nos Cariris Velhos (1937-1966 Paraíba)**. Tese em História: Discurso Imaginário e Cotidiano da Universidade de Brasília – UNB. Brasília: 2006.

OASHI, Maria da Conceição Guimarães. **O Sisal como Alternativa de Matéria Prima Para o Álcool**. Dissertação em Engenharia de Produção. João Pessoa-PB: Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 1983.

PENSAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2ª Ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2005.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

_____ **Os Excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PRIORE, Mary Del (org). BASSANEZI, Carla (Coord. De textos). **História das Mulheres no Brasil**. 9ª Ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

PRIORE, Mary Del. **História do Amor no Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PROST, Antoine e VICENT, Gérard. **História da Vida Privada**. Da Primeira Guerra a Nossos Dias: Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992 (Volume 5).

SCOTT, Joan. **Gênero Como Categoria de Análise Histórica**. Recife: SOS Corpo, 1993.

SILVA, Alômia Abrantes da. (2000). **As escritas femininas e os femininos inscritos**: imagens de mulheres na imprensa parahybana dos anos 20. Dissertação de Mestrado em História,, UFPE, Recife-Pe.

SOARES, Angela Maria Fontes. **O Cotidiano das Mulheres Trabalhadoras de Solânea na Atualidade**. (monografia). Guarabira-PB. Centro de Humanidades /UEPB, 2002.

Apêndice

Lista de Entrevistados

Emília Soares dos Santos. 74 anos.

Estelita Pereira da Silva. 75 anos.

Francisco Vicente da Silva. 72 anos.

José de Arimatéia dos Santos. 62 anos.

Manoel Leite de Moraes. 84 anos.

Maria Mendes da Silva. 67 anos.

Maria do Livramento Santos da Silva. 65 anos.

Maria Odete Gomes de Sousa. 77 anos.

Maria do Socorro Cruz. 66 anos.

Questionário

1. Em qual cidade a senhora nasceu?
2. Qual a profissão dos seus pais?
3. Onde a senhora morava quando mais jovem?
4. O que a senhora achava do lugar que a senhora morava quando jovem?
5. Quais eram as formas de diversão da época?
6. A senhora estudou? Até que série? Porque a senhora não estudou? Quais os motivos que levou a senhora a para de estudar?
7. Quando jovem a senhora trabalhava? Em que? Com qual idade a senhora começou a trabalhar?
8. Vocês trabalhavam em suas próprias terras ou em terras de outras pessoas?
9. Quais os motivos que levou a senhora a trabalhar tão jovem?
10. Nos anos de 1960 era comum as mulheres trabalharem? O que as pessoas achavam ou falavam do fato de vocês trabalharem?

Perguntas Referente a Agave

1. Com que idade a senhora começou a trabalhar na agave?
2. Quais os motivos que levou a senhora a trabalhar na cultura da agave?
3. Antes de trabalhar na agave a senhora trabalha em que?
4. Qual o trabalho que a senhora gostava mais o da agave ou o anterior? Porquê?
5. Qual o trabalho mais difícil de concilia com suas obrigações de dona de casa, o da agave ou do roçado?
6. O seu patrão era o dono do motor ou o dono da terra? Como era a sua relação com o seu patrão?
7. Em algum momento seu patrão lhe faltou com o respeito? O que ele fez ou disse?
8. Quais eram as atividades que vocês mulheres faziam nos agaviais?
9. Porque vocês mulheres se encarregavam mais em lava e seca as fibras da agave? A senhora pode descrever como eram realizadas essas atividades?
10. De que horas da manhã vocês começavam a trabalhar? E de que horas paravam?
11. Vocês trabalhavam mais que os homens?
12. Como era a forma de pagamento? O que vocês faziam com o dinheiro?
13. Vocês recebiam a mesma quantia que os homens? Porque não o que vocês achavam dessa diferença de salário?
14. Quando a senhora se casou a senhora ainda trabalhava na agave? Depois do casamento a senhora parou ou continuou trabalhando na agave?
15. O que seu marido achava do foto da senhora trabalhar fora de casa junto a muitos homens? Seu marido não tinha ciúmes?
16. Quem eram esses homens esses homens? Vocês já se conheciam? Eram familiares? Vocês tinham intimidade (conversavam, brincavam) uns com os outros?
17. Esses homens respeitavam vocês?
18. Se a senhora pudesse, a senhora preferia fica em casa cuidando dos serviços de casa ou ia trabalhar na agave? Por quê?

19. Como à senhora fazia para cuidar dos serviços da casa e do trabalho fora?
20. Porque vocês mulheres se submetiam a essa dupla jornada? Ou seja, trabalha em casa e na agave?
21. Quando apareceu filhos, o que a senhora fez? Houve casos em que as mulheres levavam seus filhos para o trabalho? E os patrões o que eles achavam disso?
22. Como era a relação de vocês mulheres com os homens nos locais de trabalho?
23. Existiu casos em que os homens as desrespeitavam dizendo piadas? Quais eram os tipos? Como vocês reagiam? Houve casos de mulheres se relacionarem (terem casos amorosos) com homens nos agaviais?
24. A cultura da agave proporcionou melhores condições para a sua família que trabalha nos agaviais? O que melhorou?